



A REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE ÍNDIOS E JESUÍTAS NO FILME "A MISSÃO"

Vinicius Sales Barbosa¹

¹ Graduando em História pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP. Artigo realizado para a disciplina de História Moderna I, História do Brasil I e História da América II ministradas, respectivamente, pelo Prof. M.e Fábio Paride Pallotta, Prof.^a Dra. Lourdes Conde Feitosa e Prof.^a M.^a Nair Leite Nasralla.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a representação da criação da Companhia de Jesus no período da Contrarreforma da Igreja Católica no século XVI, a partir dos conflitos existentes entre os espanhóis, portugueses, índios e jesuítas na colonização da América do Sul, abordados no filme *A Missão* (1986). Por meio de análises bibliográficas, identifica-se o escopo de criação da obra relacionando-a com o estilo do diretor Rolland Joffé, e como ocorre a ligação da trilha sonora, composta por Enio Morricone, com a prática lúdica de uso da música no processo de cristianização dos índios e como ela é apresentada em diversos momentos significativos do filme.

Palavras-chave: Representação fílmica. Jesuítas. Índios.

INTRODUÇÃO

O cinema hoje é visto como instrumento para a difusão de conteúdos pedagógicos, na maioria deles históricos. A dificuldade sobre isso está no tratamento do filme como algo totalmente verossímil, não tendo análise crítica a respeito da obra em si e dos temas abordados em seu enredo. De acordo com Kornis (1992, p. 238) o cinema não retrata a realidade, mas a refaz, utilizando a linguagem da arte num certo contexto histórico. Para tê-lo como material de pesquisa, segundo Vanoye (1994, p. 15), é necessário analisá-lo e, para que se faça isso, deve-se desconstruí-lo para se ter os elementos distintos que, em conjunto, formam a obra.

Não como prática pedagógica, mas apenas sobre a questão da colonização europeia da América Latina e a relação dos índios e jesuítas, este artigo busca refletir sobre o filme *A Missão* (1986), do diretor Roland Joffé, como forma de conhecimento do choque cultural entre europeus e indígenas e como são representadas as relações de catequização e escravidão na obra.

O FILME

Lançado no ano de 1986, o filme *A Missão* entra no mercado cinematográfico rodeado de *blockbusters* (filmes populares com elevado sucesso financeiro) apresentados pelo cinema americano na década de 80, como a série *Indiana Jones*, *Duro de Matar*, *Batman* e *Rambo*. Todos esses filmes citados possuem o ideal americano de heroísmo e bravura, aspectos presentes no filme, mas que nos são apresentados de forma diferente pela visão do diretor Roland Joffé.

Marcado pela vertente do cinema autoral, deixada um pouco de lado nessa produção uma vez que conta com grandes nomes do cinema, Joffé nos apresenta o filme *A Missão* retratando o ano de 1750, época em que as colonizações espanholas e portuguesas buscavam escravos indígenas.

Joffé apresenta em seus filmes aspectos históricos, políticos e sociais, como no aclamado *Os Gritos do Silêncio* (1984), no qual o diretor retrata o genocídio perpetrado pelos comunistas nos campos de concentração do Camboja entre os anos de 1963 e 1979. Em *A Missão* não seria diferente, o artista trabalha a relação que os índios possuem com os jesuítas nas construções das diversas missões presentes nos territórios argentino, brasileiro e paraguaio, com foco na missão de São Carlos e a questão da escravatura indígena utilizada pelas colônias espanholas e portuguesas no período apresentado.

A trilha sonora do filme, composta por Enio Morricone – famoso por *Três Homens em Conflito* (1966) e *Era uma vez na América* (1984), se faz presente em todos os momentos que buscam atrair o emocional do espectador para a tela, como nas sequências iniciais do filme onde o Padre Gabriel (Jeremy Irons) se aproxima dos índios tocando um oboé. Segundo Peralta e Kassab (2007) os jesuítas utilizavam o lúdico para penetrarem no imaginário indígena. A música tocada por ele é a trilha principal da obra e que seria ouvida momentos mais tarde com um arranjo instrumental maior, concedendo assim, maior ênfase à melodia.

O diretor de fotografia Chris Menges, que já havia trabalhado com Joffé no filme *Os Gritos do Silêncio* (1984), que levou o Oscar de Melhor Fotografia, utiliza muito bem o cenário e faz com que o espectador adentre às cidades do período colonial e às densas florestas, com destaque para sua exploração magistral da figura das Cataratas do Iguaçu, que lhe rendeu outro Oscar de Melhor Fotografia.

A “fonte cinematográfica tem sido utilizada com cada vez mais frequência pelos historiadores contemporâneos” (BARROS, 2011, p. 180). Com base nessa afirmação é que o ponto analisado do filme será a representação da relação que os índios possuem com os jesuítas e as práticas da catequese apresentadas na obra, uma vez que fica claro ao espectador o choque que as duas culturas, indígena e europeia, sofrem ao longo da película, tanto pelas questões religiosas quanto pela questão da escravidão.

A CONTRARREFORMA E A CRIAÇÃO DOS JESUÍTAS

A Contrarreforma da Igreja Católica, em resposta à Reforma Protestante que acontece no século XVI, é um momento não apresentado no filme, mas que aqui será analisada para explicarmos as novas práticas religiosas da Igreja em relação a colonização da América, considerada no filme.

Com o Renascimento, a população e a burguesia se voltaram para o comércio, o lucro obtido era condenado pela Igreja como sendo um pecado mortal, porque a mesma ainda possuía o sentimento de supremacia do período feudal. Após o encerramento do feudalismo, a Instituição havia se tornado poderosa, deixou de lado sua doutrina de humildade e pobreza, com isso o povo fica descontente e passa a se afastar dos dogmas católicos. De acordo com Delumeau (1989, p.59), a tese de que os “Reformadores teriam deixado a Igreja Romana porque ela estava repleta de devassidões e impurezas” é escassa, uma vez que devem ser levadas em consideração as questões do luxo (proprietária de muitas terras), a alta cobrança de impostos, a venda de indulgências (perdão divino) e de cargos eclesiásticos.

Contra essas práticas, o Frei agostiniano Martinho Lutero promove uma reforma religiosa na Europa, que viria a ser chamada de Reforma Protestante. Dentre os princípios de Lutero, há um que se destaca:

É a teoria do *sacerdócio universal*. Doravante, sem negar a utilidade de toda a hierarquia, Lutero não verá a diferença senão de natureza entre padres e fiéis. E se um simples fiel for iluminado pelo Espírito, saberá mais que todos os concílios. (DELUMEAU, 1989, p. 92, grifo do autor).

Baseia-se nesse princípio para promover o ideal de que todos possuem a condição de conhecer Cristo. Por isso ele traduz a Bíblia para o alemão, que antes era utilizada apenas em

latim para que somente os clérigos pudessem interpretá-la. Com a tradução, o frei estendeu o acesso ao Livro Sagrado para todas as camadas sociais, uma vez que a língua alemã era falada em boa parte da Europa, e à livre interpretação de quem o lia, o que atraiu muitos seguidores que iam contra a doutrina católica.

Com a excomunhão de Lutero pelo Papa Leão X, os alicerces para a Reforma se formam e diversos camponeses e príncipes se revoltam contra os dogmas da Igreja Católica. Além da teoria do *sacerdócio universal*, Martinho prega a castidade, a abolição de imagens e que apenas a fé em Cristo salva, ou seja, ele pregava que a salvação independia de uma Instituição.

A Igreja Católica adotou diversas medidas para reprimir a Reforma e as revoltas ligadas a ela. De acordo com Delumeau (1989), ela utilizou práticas repressivas contra os revoltosos, como o retorno do Tribunal do Santo Ofício e a criação do *Index Librorum Proibitorium*- relação de livros contrários aos dogmas e ideias defendidas pela Igreja Católica e quem fosse pego com eles sofreria severas punições.

“O Concílio de Trento constituiu um momento alto na história do mundo católico” (DELUMEAU, 1989, p.169), uma vez que a Igreja provou que ainda era bastante poderosa com o fortalecimento da autoridade do Papa e o surgimento de novas ordens religiosas, destaque para a Companhia de Jesus.

Em relação aos membros da Companhia, os jesuítas, estes tinham o dever de evangelizar os povos recém descobertos nos continentes americano e asiático pois “a obra colonizadora era querida pelo rei e, portanto, era obra de Deus” (PAIVA, 2000, p. 2).

A RELAÇÃO REPRESENTADA NO FILME

Logo no início do filme é mostrado um padre jesuíta, Julien, crucificado e jogado pelos Guaranis nas Cataratas do Iguaçu, ótimas na fotografia de Menges. O diretor não deixa claro o motivo de tamanho ato, mas essa cena é importante porque apresenta a primeira interação de nativos e europeus, nesse caso, os jesuítas.

Em seguida, vemos padre Gabriel (Jeremy Irons) se dirigindo ao local onde padre Julien foi encontrado morto. Uma das figuras centrais na trama, Gabriel faz contato com o povo Guarani por meio da música, um dos recursos lúdicos utilizados pelos jesuítas para converter os índios ao catolicismo, segundo Rosário e Melo (2015).

O lúdico remete ao ensinamento por meio de brincadeiras, jogos e atividades criativas, e “nesse sentido pode-se dizer que os jesuítas compreenderam o lúdico como necessidade à época e ao local que se encontravam um Brasil colônia” (PERALTA; KASSAB, 2007, p. 6) para cristianizar os indígenas, uma vez que o choque cultural foi grande e esse foi o meio que utilizaram para minimizá-lo.

Nas missões representadas no filme, construídas pelos próprios nativos com a orientação dos jesuítas, existiram diversas práticas para promover a conversão dos gentios em cristãos e, de acordo com Silva, uma que merece ênfase é a interação com as crianças. Como os padres encontravam dificuldade em converter os índios mais velhos, as atividades com os mais novos poderiam construir uma nova cristandade (SILVA, 2013).

O filme apresenta a interação das crianças com a doutrina cristã por meio das práticas lúdicas promovidas pelos jesuítas, com foco para o coral de canções religiosas do qual faziam parte, aqui pode-se notar novamente a presença da música.

A obra utiliza a trilha sonora como um instrumento fundamental para atingir o emocional, ela se faz presente desde o início do filme. A música tocada pelo padre Gabriel em seu oboé é utilizada em pontos chave do filme com um arranjo instrumental maior para retratar momentos de glória, relacionando a vitória jesuíta em catequizar os índios por meio das missões espalhadas pelo território, e momentos de melancolia, tocada de forma mais lenta quando é mostrado o massacre dos nativos pelos espanhóis e portugueses.

É importante salientar as práticas de escravidão dos espanhóis e portugueses com os índios, que não são mostradas no filme, porque os jesuítas lutavam contra as mesmas.

Os espanhóis se fazem presentes na película desde o início do filme com o traficante de escravos Rodrigo Mendoza, interpretado pelo exemplar Robert de Niro, que, ao caçar os Guarani, cria um embate com o padre Gabriel que irá se desenvolver e se alterar ao longo da trama.

Eles buscavam índios por dois motivos: para serem escravizados e porque o tráfico era um comércio extremamente rentável. Dentre as práticas de trabalhos que utilizaram mão-de-obra escrava indígena pode-se citar a *encomienda* e a *mita*. A primeira baseava-se na regulamentação do trabalho coletivo de uma comunidade nativa em serviço do reino, não remunerado, devendo obter apenas assistência material e religiosa. O colono era beneficiado e devia pagar um imposto à Coroa, de acordo com Quevedo (2000, p. 65). Na segunda prática,

os colonos sorteavam os índios de sua comunidade para que trabalhassem por um determinado tempo, em troca recebiam metade do salário de um trabalhador livre.

Já na América Portuguesa, os índios eram divididos entre dois grupos: os aliados e os inimigos, os chamados *índios bravios*. Segundo Oliveira e Freire (2006, p. 35) as famílias nativas que se tornassem aliados deviam ser convertidas à fé cristã, ou seja, a cultura dos gentios não era reconhecida; já no caso dos *índios bravios*, houve a repressão militar e política de forma a garantir a conversão, essas duas práticas visavam justificar o projeto colonial e a mão-de-obra indígena.

Outro ponto curioso e instigante do filme é apresentado na dramaticidade da cristianização do traficante Rodrigo Mendoza e sua inserção à Companhia de Jesus, após se tornar um recluso por ter matado seu irmão depois de o mesmo se relacionar com sua amada.

Padre Gabriel o convida a se juntar à ordem, com isso há o começo da penitência de Rodrigo: um caminho difícil até a Missão de São Carlos, estabelecida da primeira relação de Gabriel com os índios.

No momento da caminhada, novamente se faz uso da trilha sonora como instrumento para emocionar o espectador. O filme apresenta uma trilha tortuosa que nos permite fazer alusão ao caminho percorrido por Cristo, uma vez que o personagem carrega em suas costas uma armadura (representando a Cruz), vai ao chão três vezes e, ao chegar à Missão, encontra sua redenção, pois os índios poupam sua vida. Após isso, a interação de Mendoza com os índios é cativante, o mesmo se torna parte da comunidade e passa a ajudá-la nas construções das casas e igrejas enquanto é catequizado juntamente com os nativos.

Toda essa interação de Rodrigo com a tribo Guarani é posta à prova quando em um tribunal presidido pelo Cardeal Altamirano (Ray McAnally), vindo de Roma justamente para julgar as missões e como as mesmas interferiam nas práticas de escravidão tanto portuguesa quanto espanhola, deve enfrentar os comerciantes espanhóis para os quais o mesmo traficava anteriormente.

Os espanhóis e portugueses insistem em negar a escravatura em seus domínios, mas Rodrigo os contradiz para proteger os nativos. Nesse ocorrido vemos o primeiro indício do sucesso da cristianização do ex-traficante e como a interação com os indígenas que ele mesmo caçava foi fundamental para isso.

O cardeal é convidado pelo padre Gabriel a visitar as missões para que ele veja os benefícios que as mesmas trazem para a Igreja. Primeiramente se dirigem para missão de São

Miguel, no sul do Brasil, mas isso não surte efeito e Altamirano mantém sua decisão de acabar com as missões. Como última tentativa de tentar convencê-lo, Gabriel o leva para São Carlos, na Argentina. Essa cena é uma obra prima, sua complexidade se inicia na trilha sonora tocada com base na música do começo do filme com o intuito de criar, no espectador, a sensação de uma cristianização bem sucedida, com os índios convivendo em comunidade e cada vez mais religiosos. Na expressão facial de Altamirano, McAnally realmente nos emociona com a atuação, quando ele conhece o local, a oficina de instrumentos para o coral e a Igreja, vemos que mudou de ideia, mas ainda é irredutível e possui uma missão a cumprir. Por ser devoto à Igreja e fiel à sua tarefa, o cardeal concede permissão aos espanhóis e portugueses para destruírem as missões jesuítas.

Sobre a questão de bravura abordada no início deste artigo, o diretor expõe esse aspecto em dois personagens: Gabriel e Rodrigo. Enquanto o primeiro quer ser pacífico e não lutar pois ainda segue os ensinamentos cristãos, o segundo deseja guerrear para proteger os índios, outro indicio de que o contato que o ex-mercenário teve com a tribo Guarani obteve êxito.

A batalha ocorre na Missão de São Carlos, na qual índios enfrentam um exército de espanhóis e portugueses. Os nativos possuem a vantagem de conhecimento do terreno, os europeus de número e armas de fogo.

A trilha sonora se faz presente a todo momento, Enio Morricone utiliza a mesma música de quando o Cardeal visitou a missão com o objetivo de glorificar a luta dos índios e para que o espectador torça por essa causa, mas logo ela concede lugar para uma melodia mais lenta, porque os nativos e os jesuítas estão perdendo a batalha.

Há nesse momento dois caminhos expostos pelo diretor que nos passam a ideia de paz. Roland sempre trabalha em seus filmes conceitos que fazem o espectador refletir sobre o tema, podemos ver esse aspecto em dois momentos. Na morte de padre Gabriel, enquanto o mesmo executava a última missa para as mulheres e crianças. O diretor simboliza no jesuíta a figura de Cristo que atraiu diversos fiéis, nesse caso os índios, e que mesmo após sua morte os Guaranis o defendem, pegam do chão a cruz caída e caminham com ela para tentar parar a batalha. Já no falecimento de Rodrigo, Joffé trabalha a questão da redenção, ou seja, após caçar os índios por tanto tempo, Mendoza agora os protegia e morreu acreditando na relação que criara com eles, De Niro transmite tal característica nesse ato, e, em seus últimos

momentos, vemos em seus olhos a dor da morte e a paz que o atingiu após se redimir consigo mesmo pelos erros que cometeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema possui a capacidade de, através de suas tomadas, emocionar os espectadores e segundo Gufreind (2006, p. 10):

[...] o cinema transcenderia a noção de arte a partir do fato de sacralizar o gesto do homem, dando ênfase à ideia de comunidade humana e transcenderia também a noção da técnica como maneira específica de dar instrumentos ao sensível.

Aspecto que também é abordado por Nóvoa (1995, p. 1):

Nenhum documento se impôs tanto, de tal modo a fazer jus a uma elaboração teórica, como ocorreu com o filme. Este, para o cientista social, para o psicólogo e para o psicanalista, passou a ser visto como um modelador de mentalidades, sentimentos e emoções de milhões de indivíduos, de anônimos agentes históricos, mas também como registro do imaginário e das ações dos homens nos vários quadrantes do planeta.

É sobre essa parte do cinema que o diretor trabalha o filme *A Missão*. O choque cultural, a cristianização e a escravidão são temas presentes em seu filme, ainda que uns recebem mais ênfase do que outros.

A catequese é representada em boa parte da obra na relação dos índios e jesuítas. Na cristianização de Rodrigo, o diretor nos mostra que após conviver com àqueles que ele caçava, o traficante pôde ser convertido, devido à interação com as práticas religiosas e a cultura indígena.

Pode-se ter como mensagem principal, apresentada no filme de forma implícita, a indagação: “foi necessário a tentativa de imposição cultural e o massacre perpetuado pelos europeus?”. O diretor, de forma sutil, faz com que o espectador reflita a respeito de tal acontecimento após encerrar seu filme com crianças sobreviventes à chacina da missão de São Carlos percorrendo o curso do rio sozinhas e adentrando a floresta que foi túmulo de toda uma tribo Guarani e mostra que a colonização deixou uma chaga nas tribos indígenas.

THE REPRESENTATION OF THE RELATIONSHIP BETWEEN INDIANS AND JESUITS IN THE FILM “THE MISSION”

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the representation of creation of the Company of Jesus in the Counter-Reform period of the Catholic Church in the 16th century, from the conflicts between Spaniards, Portuguese, Indians and Jesuits in the colonization of South America, covered in the film *The Mission* (1986). By means of bibliographical analysis, the scope of creation of the work identifies itself related to the style of director Rolland Joffé, and as the connection of the soundtrack, composed by Enio Morricone, with the ludic practice of use of the music in the process of Indian's Christianization and how it is represented in several significant moments of the film.

Keyword: Film representation. Jesuits. Indians.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **Cinema e História - considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas. Comunicação & Sociedade.** Ano 32, n°55. p.175-202, 2011. Disponível em: < <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/cinema-e-historia-1>>. Acesso em: 21 de mai. De 2016.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da reforma.** Tradução: João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989. p. 59-114; p 161-174.

GUFREIND, Cristiane Freitas. O filme e a representação do real. Publicação do 15º Encontro Anual do COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP/Bauru, 6 a 9 jun. 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewfile/90/90>>. Acesso em: 15 mai. 2016

KORNIS, Mônica Almeida. **História e cinema: um debate metodológico. Estudos históricos,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940>>. Acesso em: 15 de mai. de 2016.

NÓVOA, Jorge. **Apologia da relação cinema-história. O Olho da História. Revista de História Contemporânea,** Salvador, v. 1, n.1, nov. 1995. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br>>. Acesso em: 15 de mai. de 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco De; FREIRE, Carlos Augusto Da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: LACED/Museu Nacional, 2006. p. 35-50.

PAIVA, J. M. de. **Transmitindo a cultura: a catequização dos índios do Brasil, 1549-1600. Revista Diálogo Educacional,** PUC, Curitiba-PR, v. 1, n. 02, p. 1-22, jul. /dez. 2000.

Universidade do Sagrado Coração

Rua Irmã Arminda, 10-50, Jardim Brasil – CEP: 17011-060 – Bauru-SP – Telefone: +55(14) 2107-7000

www.usc.br

Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd99=issue&dd0=61>>. Acesso em: 30 de abr. de 2016.

PERALTA, I. G.; KASSAB, Y. **O desvelar das interações cotidianas entre jesuítas e indígenas brasileiros no século XVI: privilegiando o lúdico.** In: ANPUH-XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, São Leopoldo. **Anais** disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0441.pdf>>. São Leopoldo: ANPUH, 2007.p 3682-3690. Acesso em: 30 de abr. de 2016.

QUEVEDO, Julio. **Guerreiros e jesuítas:** Na utopia do Prata. Bauru: EDUSC, 2000.

ROSARIO, M. J. A. do; MELO, C. N. de. **A Educação Jesuítica no Brasil Colônia.** HISTEDBR On-line, UNICAMP, Campinas-SP, n. 61, p. 379-389, mar. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534/8093>>. Acesso em: 30 de abr. de 2016.

SILVA, I. C. da. **Cristianização da Nova Terra: os jesuítas e a catequese na Colônia.** Revista Trilhas da História, UFMS, Três Lagoas-MS, v. 2, n. 04, p. 179-194, jan. /jun. 2013. Disponível em: <http://200.129.202.50/ojs/index.php/RevTH/article/view/424/pdf_51>. Acesso em: 30 de abr. de 2016.

VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise filmica.** Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus. 1994.

Filmografia

A MISSÃO. Direção: Roland Joffé. Produção: Fernando Ghia, David Puttnam. Reino Unido: Warner Brothers, c1986. 1 DVD (126 min), widescreen, color.

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA. Direção: Sergio Leone. Produção: Arnon Milchan. Itália, EUA: Warner Brothers, c1984. 1 DVD (229 min), widescreen, color.

OS GRITOS DO SILÊNCIO. Direção: Roland Joffé. Produção: David Puttnam. Reino Unido: Warner Brothers, c1984. 1 DVD (141 min), widescreen, color.

TRÊS HOMENS EM CONFLITO. Direção: Sergio Leone. Produção: Alberto Grimaldi. Itália, EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, c1961. 1 DVD (161 min), widescreen, color.